

## O CONTEXTO AMAZÔNICO SOB O OLHAR DO COLONIZADOR EUROPEU E O SILENCIAMENTO DOS INDÍGENAS E SERINGUEIROS COLONIZADOS

Silvania Pinheiro Diniz<sup>1</sup>

### RESUMO

Com o intuito de traduzir o contexto amazônico sob a perspectiva dos colonizadores europeus a partir do século XVI, o presente artigo discorre sobre os escritos registrados pela história acerca das expedições em várias regiões da Amazônia, destacando relatos ficcionais, literários e historiográficos acerca da descoberta de povos nativos, fauna e flora, assim como valores e culturas da desconhecida terra que tanto despertava curiosidade, atração e suspense aos seus exploradores. Nesse sentido, serão expostos como referências autores como Ugarte (2009), Cunha (1909), Hardman (2009), Batista (2006), Fanon (1961), Rocha (2012) (2015), Hardenburg (1912), Grandin (2010), Eagleton (2005), Labre (1887), Tocantins (1973), Pizarro (2012), Wolff (1999), Albuquerque Junior (2012), entre outros.

**Palavras-chaves:** Amazônia; colonizadores; indígena.

### ABSTRACT

In order to translate the Amazonian context from the perspective of the European settlers from the sixteenth century, the present article deals with the writings registered by the history about of the expeditions in many regions of the Amazon, highlighting fictional, literary and historiographical reports concerning the discovery of native peoples, fauna and flora, as well as values and cultures of the unknown land that arouses curiosity, attraction and suspense to its explorers. In this sense, will be exposed as references authors like Ugarte (2009), Cunha (1909), Hardman (2009), Batista (2006), Fanon (1961), Rocha (2012) (2015), Hardenburg (1912), Grandin ), Eagleton (2005), Labre (1887), Tocantins (1973), Pizarro (2012), Wolff (1999), Albuquerque Junior (2012), among others

**Keywords:** Amazon; colonist; indians.

### Introdução

São muitos os escritos que anseiam descrever a Amazônia com o objetivo de revelar um universo atraente e lucrativo para seus pretensos colonizadores. Os países europeus, mais precisamente, Portugal e Espanha, por meio de missionários cristãos e intelectuais do século XVI e XVII foram os protagonistas das expedições que adentraram e retrataram a selva amazônica em busca de um desconhecido que hipoteticamente os conduziriam as veredas e descobertas de aventuras e riquezas.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre – UFAC. E-mail: silvaniapinheiro@gmail.com

Tais relatos<sup>2</sup> abordam experiências determinantes para o interesse dos europeus pela Amazônia e, conseqüentemente, sua ocupação por outros povos estrangeiros. As expedições exploratórias, que iam além de objetivos de cunho científico, levaram ao mundo a exuberância da região, que cada vez mais despertava atração pelo cenário desafiador e ao mesmo tempo sedutor, posteriormente, tornando-a alvo das ambições de colonizadores que influenciaram a região até a contemporaneidade.

Entre os vários personagens que encenaram os relatos das expedições da conquista Ibérica rumo à Amazônia estão os indígenas. Como nativos da região, foram os primeiros impactados nos mais diversos aspectos, pois além de presenciarem seu território ocupado por povos totalmente desconhecidos, foram submetidos às mais contraditórias imposições, regras e abusos por parte de seus colonizadores, conforme relata Ugarte (2009), em *Sertões dos Bárbaros*, ao dizer que:

[...] além da busca por especiarias, metais preciosos e reinos fabulosos, os expedicionários tinham também por objetivo transformar os indígenas em vassalos cristãos, ou de sua majestade espanhola, ou de sua majestade portuguesa, ou ainda em simples escravos que deveriam servir aos novos senhores. (UGARTE, 2009, p. 169).

Pretende-se compreender pensamentos e ações, argumentar e discorrer sobre personagens como os europeus, nordestinos, seringueiros, intelectuais, mulher, e sobre o sujeito indígena em vários episódios da relação entre colonizador e colonizado durante a conquista e exploração da Amazônia.

## **Impressões, Espaços e Sujeitos**

É importante destacar que em toda a história da colonização amazônica, os povos indígenas são, em diferentes cenários, protagonistas, coadjuvantes ou meros figurantes. Nos relatos iniciais dos conquistadores, é possível conhecer as trajetórias percorridas, citando, com maior ênfase, as ambiciosas e perigosas navegações pelos rios da floresta amazônica, onde o rio Amazonas ganha destaque numa dimensão, por vezes, de encanto, por outras, de perigo no caminho-cenário percorrido pelos navegantes dos séculos XVI e XVII.

---

<sup>2</sup> A presente pesquisa foi desenvolvida na disciplina Linguagem, Identidade e Diversidade Amazônica, cursada no Mestrado em Letras, na Universidade Federal do Acre – UFAC.

Os primeiros registros datados de 1500 foram feitos por duas pequenas frotas comandadas pelos capitães Vicente Pizon e Diego de Lepe. Pizon, por sua vez, deu a primeira denominação europeia para definir algum cenário da Amazônia, o gigante Amazonas, “o rio que tinha a foz tão grande como um mar” (UGARTE, 2009, p. 170), inaugurando assim as percepções europeias sobre o mundo amazônico.

A partir de então, a Amazônia despertou ainda mais a curiosidade dos países europeus, sobretudo a Espanha e alguns eruditos como Pedro Mártir de Anglería, que embora duvidando de alguns relatos dos navegadores, manteve o registro sobre o continente americano nas crônicas de Castela. Após trinta e oito anos, o cronista Diogo Nunes mantém o relato de Pizon e Lepe sobre o grande rio, enfatizando um aspecto de tranquilidade quanto a sua navegabilidade em carta escrita a D. João III.

A impressão de mansidão do rio Amazonas foi contrariada pelo frei Gaspar de Carvajal através da tropa comandada por Francisco de Orellana em 1542, que embora confirmasse a grandiosidade do rio não omitiu os obstáculos naturais da região, que fascinava e causava temor aos navegantes.

As controversas causadas pela falta de conhecimento empírico e disputas intelectuais entre conquistadores e humanistas europeus dos séculos XVI e XVII sobre a realidade amazônica permeiam a história até os dias atuais e, sobretudo narram a obsessão pela exploração das Índias Ocidentais, independente dos perigos que as descobertas representavam para os enviados da Coroa, pois nenhum risco se sobrepunha às expectativas colonial-mercantilistas, reunindo as primeiras traduções desde Vicente Pizon, Pedro Mártir de Anglería, Francisco de Orellana, Gonzalo Oviedo, Francisco Lopez de Gomara, Pedro de Ursua, Lopes de Aguirre e, posteriormente, Pedro Texeira, Alonso de Rojas e Cristóbal de Acuña.

Com a mesma perspectiva de exploração, os conquistadores europeus continuaram, ao longo dos séculos, devassando rios, pois estrategicamente não havia outra via de acesso para obter êxito em seus objetivos em conhecer, explorar e dominar a Amazônia e seus habitantes, mesmo que para isso ousassem os mais arriscados movimentos, resistências e imprevisibilidades.

A exploração incessante nos espaços amazônicos por parte dos colonizadores espanhóis deu-se pelo que a região até então desconhecida poderia apresentar de inovação para os interesses econômicos do europeu. Ante as crenças divinas e lendas, sobressaíram-se as potencialidades da terra que fora compreendida pelos colonizadores

por meio de projeções intervencionistas vistas em animais, árvores como Pau-Brasil, sementes, frutas, ervas medicinais e o cultivo da cana-de-açúcar e milho por parte dos indígenas.

O que minimamente se encontra nos relatos dos conquistadores são testemunhos e experiências faladas pelo próprio indígena colonizado, vítima de uma invasão truculenta que os dizimou por causa da escravização, doenças e “cristianismo”. Embora os europeus desconhecessem as línguas das sociedades indígenas localizadas na Amazônia com as quais tiveram contato, relatos históricos mostram que tal sociedade primitiva sempre esteve na Amazônia, pois “essas sociedades foram registradas nas diversas crônicas e relatos de espanhóis e portugueses que as constataram em suas primeiras viagens ao longo dos grandes rios”. (SOUZA, 2015, p. 39).

Ironicamente, sobre os nativos, encontram-se nos registros dos expedicionários relatos sobre eles apenas como meros figurantes em circunstâncias adversas conforme Francisco Vásquez e Pedraria de Almesto vinte anos depois do Frei Carvajal, despertando curiosidades a respeito de sua convivência com mosquitos.

É altamente plausível de que os indígenas, embora também fossem incomodados pelos mosquitos, não sofressem tanto, como sugerem os dois cronistas. A secular adaptação dos índios aos nichos ambientais da Amazônia, inclusive onde proliferavam os mosquitos, fê-los inventar mecanismos que os defendiam dos ataques desses perturbadores, e às vezes perigosos insetos [...]. (UGARTE, 2009, p. 339).

Seguem-se nas falas de outros cronistas como Francisco de Figueroa, desta vez relacionada a animais selvagens como crocodilos, cobras, onças, aos quais não causavam medo somente aos missionários, mas também aos índios, mesmo sendo conhecedores dos hábitos desses animais.

Sobre outros sujeitos, a Amazônia, em sua gênese incompleta, como afirma Hardman (2009) em Euclides, *a Amazônia e o Infinito*, “representa a visão de muitos relatos violentos e bárbaros” registrados em ficções de vários autores latino-americanos, norte-americanos, franceses e italiano, estes três últimos com maior sensibilidade em relação às culturas autóctones (nativas). Entre tais autores, vale destacar o italiano Ermano Stradelli (1852-1926), que em seus muitos trabalhos incluiu vocabulários indígenas. (HARDMAN, 2009, p.26).

Entre personagens marcantes na exploração da Amazônia, também atraído pela prodigiosa riqueza natural, está o coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre, que em *Itinerário de Exploração do Amazonas à Bolívia* (1887), narra sua aventura nos rios

Purus, Beni, Madeira, Madre de Deus, Acre, Ituxi, Abunã e outros, percorridos durante oito meses. Nesses relatos, Labre registra costumes e hábitos de cultura, alimentação e religião dos povos indígenas das regiões. (LABRE, 1887, p. 24-29). Omite, porém a invasão truculenta contra a vida e cultura dos nativos do Purus, conforme *Marciary*. (ROCHA, 2012).

No final do século XIX e início do XX, as narrativas sobre a Amazônia ganham a atenção de escritores brasileiros renomados como Euclides da Cunha, Alberto Rangel e outros intelectuais que fortaleceram o realismo naturalista da Amazônia na literatura brasileira e hispânico-americana. No entanto, para Hardman, em Euclides encontram-se relatos sobre o caráter fragmentário de todo conhecimento produzido sobre a Amazônia em *A Vingança da Hileia* (HARDMAN, 2009), surgindo o Acre e seus personagens no bojo da narrativa desses autores nacionais.

Nessa representação da vida amazônica figura além das paisagens, climas, animais, nativos indígenas, nordestino/seringueiro/caucheiro, mulheres, personagens marcantes na história da região que reforçam a narrativa de um ambiente desconhecido, desafiador, folclórico e exótico, revelando também um cenário lúdico através de estórias de botos, Iara (Mãe D'água), curupira, as Amazonas (mulheres guerreiras) que dão vida a um cenário ora de paz, ora de guerra. Ora de desespero, ora de esperança, ora de revolta, ora de harmonia entre o homem e a natureza, que conforme Leandro Tocantins “[...] É o sopro da vida que se pressente no drama de viver, a celebrar as dores, as inquietações, as esperanças e os temores humanos” (TOCANTINS, 1973, p. 55).

Batista (2006) relata no livro *Amazônia – Cultura e Sociedade*, que é possível observar que os dramas amazônicos persistem até os dias atuais. Nessa obra, segundo o autor, a formação cultural da região está “[...] intimamente ligada com a colonização e a economia”. (BATISTA, 2006, p. 68). Em 1850, com o desmembramento do Pará e Amazonas, inicia a chegada de intelectuais na Amazônia, povoando Manaus e Belém por professores, jornalistas, médicos humanistas, advogados renomados, e profissionais extremamente conceituados, e juntos com eles a miscigenação das raças, originando-se em sua maioria do mestiço brasileiro.

Não contou muito na formação da Amazônia, a contribuição direta do negro. O escravo, mesmo, foi o índio, que cruzou, porém com o português, sob o estímulo de recomendações do próprio rei, e depois com os nordestinos, que

eram produto da fusão das três etnias de que se originou o mestiço brasileiro [...]. (BATISTA, 2006, p.120).

Com o fim do apogeu da borracha, a queda da economia desvalorizou também a cultura intelectual causando o deslocamento populacional para outras regiões do país. E assim, segue a queda na Educação da Amazônia, criticada pelo escritor no sentido amplo da palavra devido às peculiaridades da região e a falta de investimentos do Poder Público e incentivo: “[...] educação não é alfabetização, não é puramente instrução, mas o preparo do indivíduo para vida de seu tempo” (BATISTA, 2006, p. 91).

Entre os sujeitos que buscam serem estudados e compreendidos no percurso da exploração da Amazônia ressaltam-se as mulheres que durante séculos foram figuras raras na região, vistas pelos colonizadores e pelos próprios nativos como “inexistentes”, privilégio de poucos. Chama atenção à concepção dada à mulher como ser subjugado, sem direito sobre a fala, corpo e pensamentos, como por exemplo, em se tratando de casamento que se dava sob encomenda, tráfico. A mulher era “pega na mata” ou “roubada do pai”. Quem fugisse à regra, optaria pela “carreira de meretriz, sem direito a uniões oficialmente estáveis”. (WOLFF, 1999, p. 82-83).

A mulher, embora em pouca quantidade, sendo exclusividade de autoridades como patrões e seus gerentes, também exerceu forte influência no trabalho doméstico cozinhando, criando animais, caçando, pescando, lavando roupa, cuidando de crianças, e profissionalizando-se por meio de trabalhos artesanais como cestas, velas, redes, lençóis, alimentos, entre outros. Assim, “possuir” mulher na Amazônia era “adquirir” um artigo de luxo.

Porém, as mulheres sempre têm os seus “poderes”, como diz Michelle Perrot, e, portanto, nem sempre era tão simples “adquirir” uma mulher. Mesmo que existam variados relatos de casos de “compra” e “venda” de mulheres nordestinas e indígenas, bem como de índias “pegas” nas “correrias”, organizadas contra grupos indígenas, os processos e relatos nos mostram que esse tipo de aquisição dependia muito da mulher, de suas vontades, estratégias, amores. (WOLFF, 1999, p. 72).

Como sujeito na história da Amazônia, o gênero feminino tem sido uma das principais fontes de inspiração para muitos escritores, relatando trajetórias de luta, suor, resistência e romances, alguns bem sucedidos, outros trágicos, conforme o conto de *Maibi* em *Inferno Verde*, de Rangel (1927). A figura feminina integra a literatura amazônica atual por meio de obras que cada vez mais desmistificam o calar das vozes

do colonizado, como se vê no conto “(In)visibilidade” e “Madame Godin”, do livro *Gaivotas* (ROCHA, 2015).

## **Borracha: indígena e nordestino sob a usura e escravidão**

Os discursos em torno da Amazônia traduzem fases que renderam registros históricos em todo mundo, desde a descoberta e conquista da região quanto aos cenários, personagens e possibilidades de investimentos lucrativos para seus colonizadores. Ocorre, então, entre o fim dos séculos XIX e início do século XX, o ciclo da borracha. Deu-se início a um tempo de exploração econômica, mais precisamente no Acre, cuja finalidade era garantir crescimento tecnológico nos grandes centros urbanos, principalmente as metrópoles por meio da mão-de-obra dos seringueiros e indígenas da região, que tinham seus direitos continuamente usurpados por seus superiores.

A história da borracha apresenta vários momentos, desde o seu uso tradicional pelos indígenas, em 1530, ao seu uso industrial, em 1803. Antes da borracha, produzida a partir do látex extraído da seringueira (*Hevea Brasiliensis*); o caucho, oriundo da *Castilloa Ulei*, foi descoberto na segunda viagem de Colombo, e extraído por nômades nativos da Amazônia peruana, considerados depredadores. “O caucheiro exercia uma atividade febril e fugaz, e seria ele ‘irritantemente absurdo na sua brutalidade, elegante na sua galanteria sanguinolenta e no seu heroísmo à gandaia. É o homúnculo da civilização’”. (CUNHA, 1909, p. 94).

O seringueiro, por outro lado, era um trabalhador que seguia normas de extração e serviços subordinados ao “aviador” e ao dono do seringal a qual ele extraía o látex das seringueiras. Este, por sua vez, explorava o trabalho do seringueiro tornando-o dependente de dívidas adquiridas com o patrão para atender a sua subsistência.

Porém, o seringueiro devia comprar o necessário para sua subsistência ao próprio aviador, que vendia as mercadorias por preços abusivos. Este era o grande ganho do dono do seringal, e ao mesmo tempo, significava o endividamento perpétuo do seringueiro, com sua posterior escravização. (PIZARRO, 2012, p. 115).

Os aviadores foram mais tarde conhecidos por regatões, comerciantes que vendiam mercadorias pelos rios amazônicos, em sua maioria de origem árabe, e que obtinham produtos em empresas de aviação em Manaus, que eram associados ao sistema bancário e a uma casa exportadora. Entre alguns nomes conhecidos, cita-se o alemão Isaias Fermin Fitzcarrald, cuja história é envolvida numa narrativa mitológica acerca da sua reputação como caucheiro em Iquito, marcada pela violência e enganos

contra grupos nativos. Além dele, destacam-se também o peruano Júlio César Arana, o boliviano Nicolás Suarez e os brasileiros, coronel seringalista, José Júlio de Andrade. Em todos esses personagens há uma identificação: o uso da força, da truculência e da escravidão contra indígenas. “[...] Entre 1905 e 1910, os indígenas eram vendidos a preços que iam de vinte a quarenta libras esterlinas, cada um” (PENNANO, 1988, p. 161-169 *apud* PIZARRO, 2012, p. 120).

A exploração da mão-de-obra cruel e ardilosa sujeita tanto seringueiro quanto indígena em toda Amazônia peruana, venezuelana, colombiana e brasileira relata uma exploração perversa por parte dos colonizadores das riquezas naturais da Amazônia e de seus habitantes.

Esse drama, refletido até hoje na memória indígena da Amazônia, permanece ignorado por aqueles que teriam a responsabilidade de exigir o resgate da história e a mínima compensação para os nativos, vítimas das mais horrendas violações e violência, como destaca Ana Pizarro (2012) ao narrar o imaginário de Euclides da Cunha sobre e a denúncia do advogado Carlos A. Valcárcel sobre o Caso Putumayo, no Peru, que retrata os crimes cometidos pelo caucheiro Júlio Cesar Arana contra indígenas submetidos ao roubo, incêndio, estupro, envenenamentos, homicídios, além de tormentos com água, fogo, chicotes e mutilações.

Assim, uma das situações mais dramáticas da história da América Latina, e concretamente um episódio fundamental na destruição do mundo indígena na Amazônia foi maliciosamente esquecido, silenciado, calado, de modo que o problema suscitado mal é lembrado. É uma situação não discutida e não atualizada pela pesquisa histórica, salvo por poucos estudiosos da Amazônia. (PIZARRO, 2012, p. 143).

Tais massacres, motivados pela ganância econômica e o preconceito desumano aterroriza a história, conforme revela Walter Hardenburg (ROCHA, 2016) acerca dos crimes cometidos contra a tribo indígena no período da exploração da borracha. Refletir sobre a diversidade amazônica nos leva a compreensão de relatos específicos de regiões acreanas como o *Vale do Juruá, em Seis Meses no País da Borracha, ou Excursão Apostólica no Rio Juruá*, 1898, narrados por Parrissier (1898), onde a demonização dos indígenas é desmontada. Contam-se lendas, cenários, tradições, personagens sobre a vida na Amazônia, tendo como referencial os aspectos de moradia, costumes de alimento, crenças, vícios, violência, insetos, danças, e traz, ao contrário de outros discursos sobre os indígenas. Uma visão harmônica e fraterna.

Esses filhos da floresta, os verdadeiros autóctones do Brasil, estão, de fato, bem longe de ser o que se diz: terríveis selvagens, inimigos de toda civilização e sempre prontos a massacrar os brancos. Esta é uma calúnia atroz, que os brancos europeus, civilizados, que prefero chamar de aventureiros, inventaram e propagaram, sem ter vergonha, para legitimar, ou pelo menos para desculpar os seus roubos e atrocidades. (PARRISSIER, 1898, p. 52).

Observa-se que neste cotidiano do homem amazônico explorado pelo sistema econômico do ciclo da borracha, os sentimentos de opressão, desilusão e desespero são seus companheiros constantes, o que trouxe ao conhecimento contemporâneo através de vários narradores a figura do Judas-Ahsverus, que Euclides cita como o ápice das representações do flagelo amazônico, já que a criação do boneco por seringueiros representava isolamento, solidão e autopunição, encenada no Sábado de Aleluia. Esse sentimento de tristeza é explicitamente absorvido e declarado nos escritos de Euclides da Cunha em *A Vingança da Hileia*, pois “Euclides jamais se recuperaria do impacto da viagem em seu imaginário e na sua vida pessoal”. (HARDMAN, 2009, p. 52).

O que era realidade para aqueles que construíram impérios à custa do suor e do sangue de trabalhadores violentamente explorados, o chamado “ouro branco” era mito para seringueiros, nordestinos e indígenas, que em seu mundo fechado na selva densa da Amazônia, conheciam além da escravidão somente o sonho de “pagar sua dívida impagável com o patrão” e retomar sua liberdade. Mas, para seus feitores, o tempo de decadência se aproxima, trazendo a ruína para muitos daqueles que se aproveitaram da ignorância dos indígenas e da desgraça dos nordestinos que chegaram à Amazônia em busca de sobrevivência, após fugir da grande seca que assolava o Nordeste.

Esse mercado de exploração humana e florestal tem uma fase de abalo em seu monopólio que é apenas o começo de seu fim. Em 1911, a indústria europeia e norte-americana enfrenta a queda do preço da borracha devido à concorrência asiática e às plantações de látex na Inglaterra, Ásia e Malásia, fruto da retirada de setenta mil sementes, às escondidas, da Amazônia brasileira.

A essa altura já sofria o seringueiro, castigado pela ambição dos seringalistas, e agora mais ainda subjugado ao sofrimento e solidão do trabalho escravo nas densas florestas da região, num futuro incerto perambulando pela selva em busca de trabalho em garimpos, e outros como ribeirinhos, buscaram sobreviver da pesca. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Governo Getúlio Vargas, numa tentativa de resgatar o valor

financeiro da borracha, passa a investir no recrutamento de imigrantes nordestinos para a selva amazônica. Eram os Soldados da Borracha, que embalados pelo sonho da salvação da seca e de uma vida próspera na Amazônia, mais tarde experimentariam a amarga realidade da floresta e seus feitos.

## **Modernidade: discurso, engano e preconceito**

Desde sua conquista pelos expedicionários europeus, a Amazônia é vista por vários olhares e, sobretudo, como um lugar onde o isolamento e o atraso influenciam diretamente na vida social e econômica de sua população. A realidade geográfica e cultural fora utilizada para construção de um discurso civilizatório e ideológico equivocado, carregado de preconceito sobre a região, carregado de promessas de desenvolvimento que em sua maioria morreu em suas próprias narrativas, como aponta o livro *Breve História da Amazônia* (1994), ao relatar as crises da modernidade, citando seu retalhamento, os primeiros grandes projetos como a rodovia Transamazônica e a Zona Franca de Manaus, conflitos de terra, Festival de Parintins e o narcotráfico.

Afastando-se os entulhos promocionais, as falácias da publicidade e a manipulação dos noticiários de acordo com os interesses econômicos, nota-se que a Amazônia vem sendo quase sempre vítima, repetidamente abatida pelas simplificações, pela esterilização de suas lutas e neutralização das vozes regionais. Sem a necessária serenidade e visão crítica da questão a partir de um projeto de sociedade nacional, os brasileiros deixam-se levar pela perplexidade, quando não sucumbem definitivamente à propaganda. (SOUZA, 1994, p.220)

Caberia afirmar que a Amazônia trata-se de uma invenção do homem, um lugar imaginado e criado por seus nativos e conseqüentemente pelos colonizadores que insistiram e perversamente impuseram costumes e valores aos nativos que nela já habitavam, embora as marcas e registros da memória jamais tenham se apagado totalmente da história de seu povo, o que faz de todo habitante da região um pouco índio, um pouco negro, um pouco nordestino, um pouco seringueiro. E talvez, por isso, o preconceito contra os amazônidas ainda que seja latente em várias regiões do país, conforme Albuquerque Junior:

A chamada nova história cultural tem dado, desde os anos 1980, uma importante contribuição no sentido de entendermos como certas maneiras de ver e dizer os lugares, as regiões e as nações foram construídas historicamente e como estas estão na base de um imaginário ou de um conjunto de percepções que temos em relação a dadas partes do mundo ou às

peças que as habitam, gerando, muitas vezes, maneiras estereotipadas e preconceituosas de considerá-las. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 24).

Foi possível observar o choque de culturas entre o homem amazônida com outros povos durante a investida de Henry Ford na região ao implantar sua cidade denominada Fordlândia, no território paraense, em 1930, com o objetivo de investir no cultivo de seringueiras e assim produzir borracha para aquecimento do mercado econômico mundial. O ritmo, a cultura e as fortes diferenças dos costumes ingleses para os indígenas e nordestinos da região trouxeram graves conflitos, e por fim a decadência de um império que permanece apenas na memória de poucos de seus sobreviventes, segundo relata Grandin (2010).

Dessa forma, é possível compreender que a colonização europeia deixou marcas irreversíveis entre os povos da região, ferindo com maior crueldade e profundidade os povos nativos, os indígenas que em durante todo o percurso de exploração econômica, cultural e social, foram fortemente subjugados e condenados a serem escravos do “outro” em sua própria terra.

## **Considerações finais**

Estudar a história da Amazônia é abrir-se para compreensões de uma narrativa diversa e controversa, possibilitando alterações significativas em conceitos formulados a partir de discursos colonizadores. Conhecer as pesquisas de autores como Ugarte (2009); Pizarro (2012); Batista (2006); Hardman (2009); Rocha (2012-2015); Labre (1887); Tocantins (1973); Wolff (1999); Souza (2015); Cunha (1909), Albuquerque Junior (2012), e muitos outros reforçam a ideia de que a Amazônia é um cenário de pluralidades, que desde os tempos remotos sofre com a imposição de regras, culturas e normas totalmente antagônicas aos dos nativos da região, os indígenas, esses massacrados a ferro e fogo pelos invasores de seus territórios.

As leituras aqui apresentadas traduzem uma Amazônia colonizada e reproduzida através de uma construção discursiva que gera outros olhares sob a influência e determinismo dos relatos, em muitos casos, distorcidos e inacabados, de conquistadores europeus. Nordestinos, indígenas, seringueiros são personagens vivos e presentes na história da Amazônia e sua construção como cenário econômico para sustentação dos interesses europeu e norte-americano no “Novo Mundo”.

Porém, o indígena é o sujeito diretamente mais massacrado pela colonização não apenas pela escravidão a qual foram submetidos pelos coronéis de barranco e os barões do caucho, não apenas pela catequização forçada, não apenas pelos abusos imputados contra suas crenças, mulheres e filhos, não apenas pela invasão e domínio truculento e ilegal de suas terras, mas de maneira vil pelo silenciamento e apagamento de sua história, da destruição do seu mundo, que existia antes daqueles que chegaram aos rios e florestas amazônicas nos séculos XVI e XVII.

Por ironia do destino, a floresta tornou-se a senzala dos indígenas e seringueiros, sob o ódio, preconceito e ambição implacável daqueles que aqui chegaram sem serem chamados. Contudo, a vida, os sujeitos que fazem à história por meio da memória e do tempo tem se encarregado de desconstruir mitos e discursos que certamente escreverão novas páginas nas gerações vindouras.

## Referências

BATISTA, Djalma. **Amazônia: cultura e sociedade**. 3ª edição. Manaus: Valer, 2006.

CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos**. Coleção Brasil 500 anos. Brasília: Senado Federal, 2000b.

GRANDIN, Greg. “A vaca deve partir” e “Matem todos os americanos”. In \_\_\_\_\_, **Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva**. Trad. Nivaldo Montigelli Hr. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

HARDMAN, Francisco Foot. “Euclides, a Amazônia e o infinito, pp. 23-80”. In \_\_\_\_\_, F. F. **A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LABRE, Antônio Rodrigues Pereira. **Rio Purus**. São Luis: Typ. do Paiz, Imp. M. F. V. Pires, 1872.

\_\_\_\_\_. **Itinerário de Exploração: do Amazonas à Bolívia**. Belém: Typographia da Província do Pará, 1887.

PARRISSIER, Jean-Baptiste. “Seis meses no país da borracha, ou excursão apostólica ao Rio Juruá, 1898”, pp. 01-60. In CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.). **Tastevin, Parrissier: Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio**. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RANGEL, Alberto. **Inferno verde: cenas e cenários do Amazonas**. São Paulo: Arrault, 1927.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. “Para a terra do sol constante”. In: **O Mar e a Selva: sobre a viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

\_\_\_\_\_. “Começando a viagem: primeira milha” e “A Amazônia da década da destruição” In: **Microfísicas do imperialismo: a Amazônia rondoniense e acreana em quatro relatos de viagem**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

\_\_\_\_\_. **Maciary, ou para além do encontro das águas**. Jundiaí: Editora Baraúna, 2012.

\_\_\_\_\_. “Invisibilidade” e “Madame Godin”. In: **Gaivotas**. São Paulo, Editora Penalux, 2015.

WOLFF, Cristina. **Mulheres da Floresta: uma história, Alto Juruá, Acre (1890-1945)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1973.

UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas na Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI/XVII**. Manaus: Valer, 2009.

\_\_\_\_\_. **A margem da história**. Belém: NEAD/Unama. Disponível em <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>, acessado em 20/05/2008.

SOUZA, Márcio. **Amazônia Indígena**. Manaus: Record, 2015.